

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

038

A morte da velha senhora

Série policial que lembra crimes marcantes no Estado reconta, neste domingo, o assassinato de uma viúva de 82 anos na zona norte de Porto Alegre, nos anos 1990

Viúva, 82 anos, Isaura tinha um hábito nada adequado e conveniente aos tempos modernos: sair à rua com anéis e colares de valor, joias de família que ela colecionava.

E depois de vendê-las, quase no fim da vida, ainda falava a todos, inclusive a estranhos, que possuía joias e dinheiro guardados em casa.

Revelando contradição, ora dizia ter medo de ser assaltada e, logo depois, abria sem dificuldade a porta da casa, mesmo para desconhecidos.



No dia 8 de outubro de 1997, Isaura Câmara Xavier foi ao banco receber o dinheiro da aposentadoria. E voltou dizendo-se temerosa, supunha que havia sido seguida.

Morava havia 30 anos em companhia de uma amiga, a professora de música Doracy Mallon da Silva, numa casa da Rua Arabutan, bairro São Geraldo, zona norte de Porto Alegre.

Foi Doracy que, ao retornar do trabalho, por volta de 20h45min, encontrou o corpo sem vida de Isaura.

A idosa havia sido espancada e estrangulada com um veludo vermelho que cobria o teclado do piano.

Logo as suspeitas sobre a autoria do crime foram identificadas: duas vendedoras de tapetes, chamadas pela vizinhança de ciganas, de nacionalidade portuguesa.

Elas já haviam estado na casa da Rua Arabutan pelo menos duas outras vezes. E convenceram Isaura da qualidade e da sofisticação dos tapetes "persas" que vendiam. Ela comprou três peças, pagando de R\$ 800 a R\$ 1,5 mil cada uma.

Na realidade, os tapetes eram produzidos em Santa Catarina, e as unidades, comercializadas ao preço médio de R\$ 130.

Isaura foi morta no quarto de Doracy e os peritos encontraram, junto ao corpo, uma faca com sangue. O aposento da viúva estava todo remexido, como se os assassinos procurassem alguma coisa específica, provavelmente as joias e o dinheiro tão anunciados.

Deixaram de lado o rádio, a TV e a carteira da idosa, com R\$ 700.



As investigações pouco progrediram até o dia 22 de janeiro do ano seguinte, 1998. Foi quando se apresentou à polícia, espontaneamente, uma mulher residente em Alvorada, com o recorte de Zero Hora que noticiava o assalto à viúva.

Pessoa humilde, camareira de motel, mas inteligente e bem articulada, ela identificou as duas mulheres suspeitas: Maria Cândida Pinto Rosa, a Bé, e Alda Maria Almeida, a Nininha. E o suposto mandante do crime, Simão Cabeça. Forneceu detalhes:

– A Bé me contou que pediu o dinheiro, mas a velha começou a gritar. Aí, a Nininha pegou o pano do piano e amarrou no pescoço para ela se calar.

A mulher de Alvorada conhecia todos muito bem. Fora casada com um irmão do suposto mandante. E o descreveu: alto, claro, loiro, com diversas tatuagens no corpo.

Suspeitos de latrocínio, a Justiça determinou a prisão preventiva dos três. Mas, quando isso aconteceu, ninguém foi localizado. Tudo indica que eles já estavam muito longe.



Até 2011, 14 anos depois, nada importante aconteceu em relação à morte de Isaura. Em julho daquele ano, um homem com o mesmo nome do indiciado é detido dois meses depois de chegar ao Brasil, vindo de Portugal, para onde havia viajado em função da morte do pai.

Na verdade, e isso só apurou-se depois, o preso tinha apenas o mesmo sobrenome.

E havia um detalhe essencial, que chamou desde logo a atenção dos advogados Vitor e Fabrício Guazzelli Peruchin: aquele português, preso durante 18 dias no Presídio Central, era baixo, moreno, usava bigode e não tinha tatuagens.

A mulher de Alvorada identificara o suposto mandante como um homem "alto, claro, loiro, com diversas tatuagens no corpo".

Pediram-lhe que tirasse a camisa, fotografaram-no, na prisão, conseguiram um novo depoimento da mulher de Alvorada e peticionaram ao juiz, com o argumento de que se tratava de mais um clássico "caso de homem errado".

Ele foi libertado. E, no julgamento, a Promotoria pediu sua absolvição.



Doracy, a amiga de Isaura, morreu, e a testemunha de Alvorada já não é mais encontrada.

O grupo de nômades que vendia roupas e tinha como base a Região Metropolitana, também desapareceu.

E há duas mulheres acusadas de homicídio que devem ter atravessado o Atlântico, de volta a Portugal.

O crime

Vítima:
Isaura Câmara Xavier

Época do crime:
outubro de 1997

Cidade:
Porto Alegre

Principais suspeitos:
Maria Cândida Pinto Rosa, Alda Maria Almeida e Simão Cabeça

Motivação:
roubo

Nota da Redação

Após uma interrupção no domingo passado, o Boletim de Ocorrência volta a ocupar seu espaço em ZH Dominical.



Anexadas no inquérito, fotos mostram o quarto da viúva remexido, num crime retratado por Zero Hora



REPRODUÇÃO 23/11/1998